

# Um gênio chinês do piano e do marketing

Lang Lang, um dos grandes pianistas do mundo, toca no Municipal e diz que não entende de política, só de educação pela música

Gilberto Scofield Jr.

gils@oglobo.com.br  
SÃO PAULO

A Sonata n.º 23, em Si bemol maior, é a última obra instrumental de Schubert, composta em 1828, pouco antes de sua morte. Poderia ser uma espécie de réquiem, mas é bem mais complexa do que isso. É comovente, engraçada, dramática, densa e sofisticada, terreno ideal para um pianista exibir o que se espera de um virtuoso que domina técnica e emoções do piano. Pois é isso que faz o chinês Lang Lang, que ocupa hoje à noite o palco do Teatro Municipal do Rio (os ingressos já estão esgotados) com um programa de três peças, da Série O GLOBO/Dell'arte.

É óbvio que a Partita n.º 1, em Si bemol maior, de Bach, a que abre o concerto, mostra a excelência de um compositor que produziu uma peça de profundidade e complexidade ímpares. Já a peça que encerra o espetáculo, os Estudos, opus 25 de Chopin, encantam como uma *master class* do instrumento, com sonoridades que magnetizam. Mas é com a Sonata de Schubert que Lang Lang brilha e faz jus ao título de um dos maiores pianistas em atividade. É nos andantes e allegros, nas pausas súbitas, fortíssimos dramáticos, que a plateia delira.

Ao piano, o jovem chinês de 29 anos quica na cadeira, sacode o cabelo eriçado com gel, faz caras e bocas, oscila para a frente e para trás, suspendendo as mãos em gestos dramáticos, ou rege ele mesmo o instrumento como que possuindo num ritual que muitos criticam como superteatral e que fez o pianista americano Earl Wild chamá-lo de “a J.Lo do piano”, referência à atriz e cantora Jennifer Lopez. Será que Lang Lang se vê tocando?

— É uma boa pergunta, porque eu nunca pensei nisso, sabia? — diz ele no camarim da Sala São Paulo um pouco antes do concerto de anteontem, cercado de frutas, água, refrigerante e uma quentinha com comida chinesa que a madrinha havia lhe preparado. — A maneira como toco é a forma como me identifique com a música e me permite conciliar a técnica exigida por

cada peça com a emoção que as melodias me passam. Pouco me importo se os outros pensam que a forma é histriônica. Pode ser, mas os críticos são unânimes em mostrar que o pequeno gênio, que começou a tocar aos 2 anos e abdicou da infância por uma carreira construída passo a passo pelos pais, está mais contido. Contido nos padrões de Lang Lang, claro. Porque a vaidade é uma de suas características. Ao pedido de se fazer fotos no camarim, a justificativa direta: “Foto posada? Mas não fiz o cabelo”. Mais tarde, for-

çou a assessoria da Sala São Paulo a permitir fotos no palco. A quem tentava impedi-lo, o argumentum inquestionável: “Mas eu sou o artista!”.

A história de Lang Lang, que nasceu em 1982 no nordeste da China, é a história de astros chineses mirins saídos da pobreza para o estrelato e que se resume em trajetórias de obstinação. O pai, músico profissional, e a mãe, técnica em telefonia, gastaram as economias para dar um piano à criança de 2 anos. Aos 9, entrou para o Conservatório Central de Música de Pequim e gastava 12

Marcos Alves



LANG LANG no palco da Sala São Paulo, onde apresentou, terça-feira, o mesmo concerto que fará hoje no Rio: Bach, Chopin e um brilhante Schubert

horas de trem três vezes por semana até os pais se mudarem para a capital.

— Quando era pequenininho, achava tudo muito divertido, mas aos 6 anos, idade em que você só quer brincar, o talento meio que se transformou num peso — conta. — Mas foi uma opção de vida e, com o tempo, com a apuração da técnica e mais conhecimento de música, tudo se transformou em grande paixão.

Lang Lang construiu uma sólida carreira — na China, é visto como um Deus. Há hoje 15 milhões de crianças estudando pia-

na China e isso se deve, em parte, ao que se chama de “efeito Lang Lang”, algo do qual se orgulha, tanto que criou uma fundação para popularizar a educação através da música. Mais de cem crianças carentes estudam em 50 pianos doados por ela. Dá *master classes* gratuitas ao redor do planeta. E quer fazer mais.

— Eventualmente, vou diminuir os concertos para me dedicar mais ao ensino. As crianças precisam de inspiração e se eu posso ser este fenômeno inspirador, que seja assim — diz.

Defesa do trabalho do governo

Lang Lang mantém boas relações com o governo de Pequim — acusado de reprimir dissidentes e desrespeitar direitos humanos —, tanto que participou do concerto de abertura das Olimpíadas de 2008. Mais que isso, defende o trabalho do governo no combate à miséria e diz que na China todas as escolas possuem aula de música, o que é verdade. Ele garante que há liberdade criativa e dá como prova a explosão do mercado de música pop e de hip-hop, o que é meia verdade. Afinal, o pop e o hip-hop chineses só falam de amor, dinheiro e carreira.

— Entendo de educação pela música, não de política — diz.

Mais tarde, pede via assessoria que não se toque em política na reportagem. É seu instinto de preservação e de marketing afiado. Afinal, no país de 1,4 bilhão de pessoas estão suas origens. E a China é um dos mercados de música clássica que mais crescem no mundo. Lang Lang é um gênio do piano chinês com senso de oportunidade e estratégia. ■

## ‘Avante’ e a transformação de Siba, no palco e na tela

Músico pernambucano apresenta documentário e show no Rio



Divulgação

**CENA** de “Siba: nos balés da tormenta”, que mostra o processo de recriação do músico: pré-estreia hoje no Oi Futuro Ipanema

Leonardo Lichote

lichote@oglobo.com.br

“Avante” é um CD — lançado por Siba em janeiro, ele chega pela primeira vez aos palcos cariocas amanhã e sábado, às 21h, no festival Levada, no Oi Futuro Ipanema. “Avante” também é um filme — o documentário “Siba: nos balés da tormenta”, de Caio Jobim e Pablo Francischelli, que tem pré-estreia hoje, às 20h, no mesmo local. Mas “Avante” é, antes de tudo, a consolidação de um longo período de transformação para Siba, que envolveu muito mais do que simplesmente trocar a habitual rabeça pela guitarra, ou deixar o maracatu de sua Floresta para abraçar uma formação nada ortodoxa de banda de rock que inclui tuba, vibrafone e bateria.

— Foi um processo lento, de retornar ao instrumento (*ele começou a tocar guitarra na adolescência, movido pelo rock das décadas de 1960 e 1970*), me reconstruir enquanto artista — conta o músico. — Foi um processo total de vida.

Siba fala sério, deixando claro que não exagera. O músico surgiu unindo rock e gêneros regionais de Pernambuco com a banda Mestre Ambrósio, logo após a explosão do mangue beat. Depois, mergulhou no maracatu de baque solto de Nazaré da Mata (tornou-se mestre do Maracatu Estrela Brilhante), onde montou a Fuloresta. E, há três anos, fez o CD “Viola de bronze” com o violeiro Roberto Corrêa.

**Desejo de olhar para si**  
O disco, diz Siba, já anunciava “Avante”, que inicialmente seria mais voltado para a viola elétrica. Na época, ele começava a identificar a crise central que motivou o CD que apresenta agora. Já não se sentia confortável no papel de criador para si mesmo como artista — o rabequeiro, o mestre do maracatu, o homem da Fuloresta.

— Na Fuloresta, a questão foi dominar uma estética. Mas chegou um ponto em que precisava falar de questões pessoais, olhar para mim mesmo sem tantos outros elementos em volta. Então a guitarra, meu primeiro instrumento, voltou

para o lugar dela — lembra Siba, que no show tocará músicas de todos os seus discos.

É exatamente esse processo de crise e autoconhecimento que “Siba: nos balés da tormenta” documenta. O filme — que será lançado oficialmente no dia 3 de junho, no festival InEdit, em São Paulo — cobre desde os primeiros ensaios com uma nova formação, em 2010, até o lançamento de “Avante”.

— Nunca quisemos fazer um simples *making of* — explica o diretor Caio. — É um filme em primeira pessoa, narrado por Siba, suas reflexões. Há interlocutores importantes, como Fernando Catatau (produtor de “Avante”) e Mestre Barachinha (do Maracatu Estrela Brilhante), mas a voz central é de Siba. O tema é a transformação. Na primeira entrevista ele está bem perdido. “Balés da tormenta” é exatamente isso, não saber aonde ir e, no fim, tirar uma beleza disso. ■

O GLOBO INTERNET  
VÍDEO Veja trechos de “Siba: nos balés da tormenta”  
www.oglobo.com/cultura

O GLOBO Projetos de Marketing



Fotos de Caio Pimenta



Rua 25 de Março (no alto) e a Oscar Freire: do comércio popular ao mais sofisticado

## O paraíso das compras

São Paulo se consolidou como o grande centro de compras da América Latina. Reúne 240 mil lojas, 77 shoppings, ruas de comércio especializado. Só o segmento de luxo movimentará R\$ 4 bilhões por ano na cidade, com lojas de grifes nacionais e internacionais, carros importados, cosméticos, jóias, objetos de decoração e design, etc.

Entre as dez mais luxuosas do mundo, de acordo com a consultoria internacional Excellence Mystery Shopping, está a Rua Oscar Freire, nos Jardins. Arborizada e convidativa, oferece cafés e restaurantes sofisticados, grifes como Ermengildo Zegna, Giorgio Armani, Osklen, joalherias como H. Stern e Antonio Bernardo, entre outras, em um conjunto de 220 lojas.

Toda a região oferece muitas opções de lojas para compras de itens de qualidade. Para amantes de automóveis, não muito longe, na Avenida Europa, é possível visitar show rooms da Porsche, Maserati, Ferrari, etc.

Entre os shoppings, o Cidade Jardim (onde há uma loja exclusiva de brinquedos Lego) e o Iguatemi (com butiktes da estilista Diane Von Furstenberg e do designer de sapatos Christian Louboutin) têm lojas-conceito e itens exclusivos. Já para quem procura preços mais baixos, São Paulo oferece muitas alternativas de pontas de estoque multimarcas. Na Rua Cristiano Viana, em Pinheiros, por exemplo, há uma concentração de outlets de marcas conhecidas.

## De tudo um pouco, na 25

A famosa Rua 25 de Março, em São Paulo, é a via principal a partir da qual se desdobram várias ruas de comércio especializado, com imensa diversidade de produtos a preços baixos, que atraem consumidores finais e comerciantes de muitas partes do Brasil. Estima-se um movimento de 400 mil pessoas por dia nas 350 lojas da região, que inclui as ruas Santa Ifigênia (eletrônicos), José Paulino (roupas), Paula Souza (artigos para bares e cozinhas), Tiradentes (uniformes profissionais), São Caetano (noivas), Oriente (enxovais), Florêncio de Abreu (máquinas e ferramentas), General Osório (instrumentos musicais), Barão de Paranapiacaba e Barão de Itapetingina (jóias) e Conselheiro Crispiniano (material fotográfico).

Como o lugar tem ruas estreitas e sempre tomadas por pedestres, o ideal é ir às compras sem carro. De metrô, deve-se descer na estação São Bento e sair pela Ladeira Porto Geral. Se der fome, há ótimas opções por perto, como, por exemplo, o Café Martinelli Midi, com decoração ambientada na década de 20, ou a Padaria do Mosteiro de São Bento, onde se pode provar o bolo Dom Bernardo, feito com chocolate, café, nozes, pêssego, gengibre e conhaque.

Visite [www.cidadedesao paulo.com](http://www.cidadedesao paulo.com)



Este conteúdo é de responsabilidade da São Paulo Turismo